

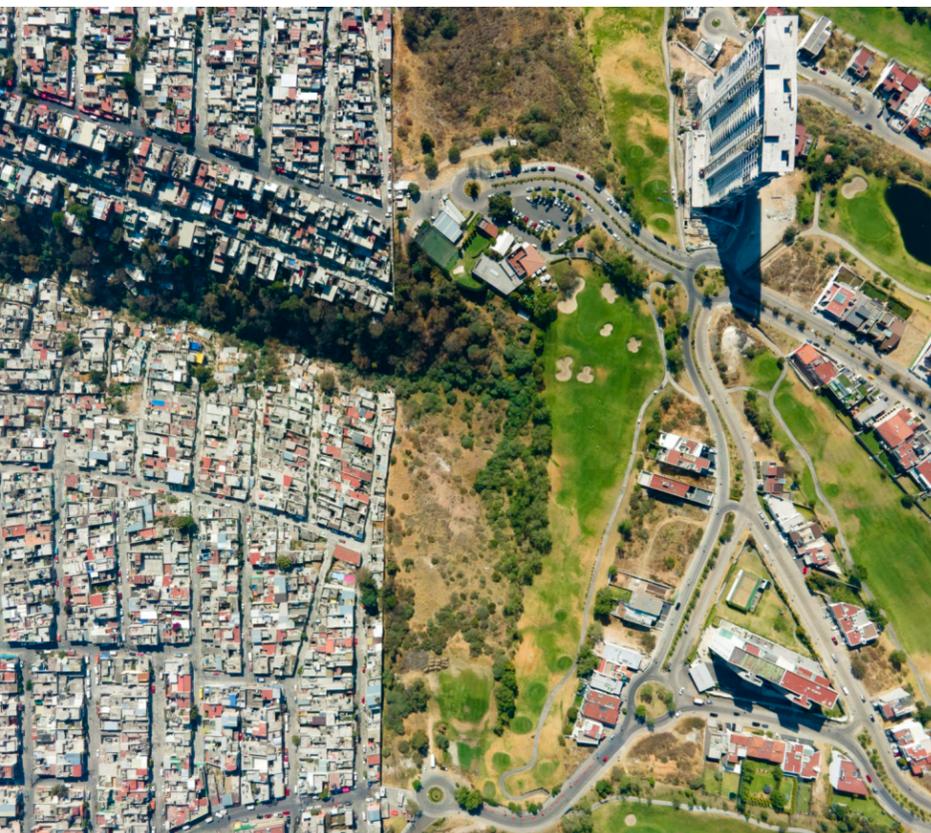
# ÁREAS VERDES E DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS EM SAÚDE URBANA NA AMÉRICA LATINA

Por: Dr. Mika Moran y Dr. Usama Bilal  
Traduzido por Lídia Maria de Oliveira  
Morais

Projeto SALURBAL

*Publicado originalmente em inglês aqui.*

As áreas verdes podem beneficiar a saúde de várias maneiras e desempenham um papel essencial para um planejamento urbano saudável. Ao incentivar a prática de atividades físicas, as áreas verdes podem ajudar a prevenir condições crônicas de saúde relacionadas ao estilo de vida, como doenças cardiovasculares e fatores de risco relacionados, como obesidade e diabetes. As áreas verdes também contribuem para a restauração psicológica e redução do estresse, o que pode ajudar a reduzir índices de crime e violência. As áreas verdes ajudam ainda a minimizar riscos ambientais, como poluição do ar e calor, reduzindo indiretamente o risco de problemas de saúde relacionados.



Apesar de seus múltiplos benefícios para a saúde, as áreas verdes urbanas geralmente se concentram em regiões de alto status socioeconômico, o que relega comunidades de baixa renda a um acesso limitado a elas. Essa distribuição desigual de áreas verdes e de seu acesso pode então aumentar ainda mais desigualdades socioeconômicas já existentes nos desfechos de saúde, como por exemplo bem-estar, atividade física e obesidade.

Mas e se as áreas verdes pudessem ser aproveitadas para reduzir as desigualdades na saúde? Esta questão orienta uma pesquisa para explorar a hipótese da equigênese das áreas verdes.

A hipótese da equigênese das áreas verdes afirma que as áreas verdes têm a capacidade de reduzir as desigualdades em saúde, proporcionando benefícios de saúde para todos e, especialmente, para grupos desfavorecidos que, de outra forma, não teriam acesso a recursos e oportunidades de saúde acessíveis.

Cada vez mais evidências demonstram as conexões entre a presença de áreas verdes e desigualdades em relação ao bem-estar, à saúde mental, depressão e doenças circulatórias. Áreas verdes também foram associadas à redução das desigualdades raciais em infecções por COVID-19. No entanto, a maioria desses resultados está relacionada a países de alta renda.

Para preencher essa lacuna, um estudo recente do SALURBAL examinou pela primeira vez a hipótese da equigênese na América Latina. Esta pesquisa buscou observar associações entre a presença de áreas verdes e desigualdades na escolarização relacionadas à expectativa de vida e mortalidade por causas específicas.

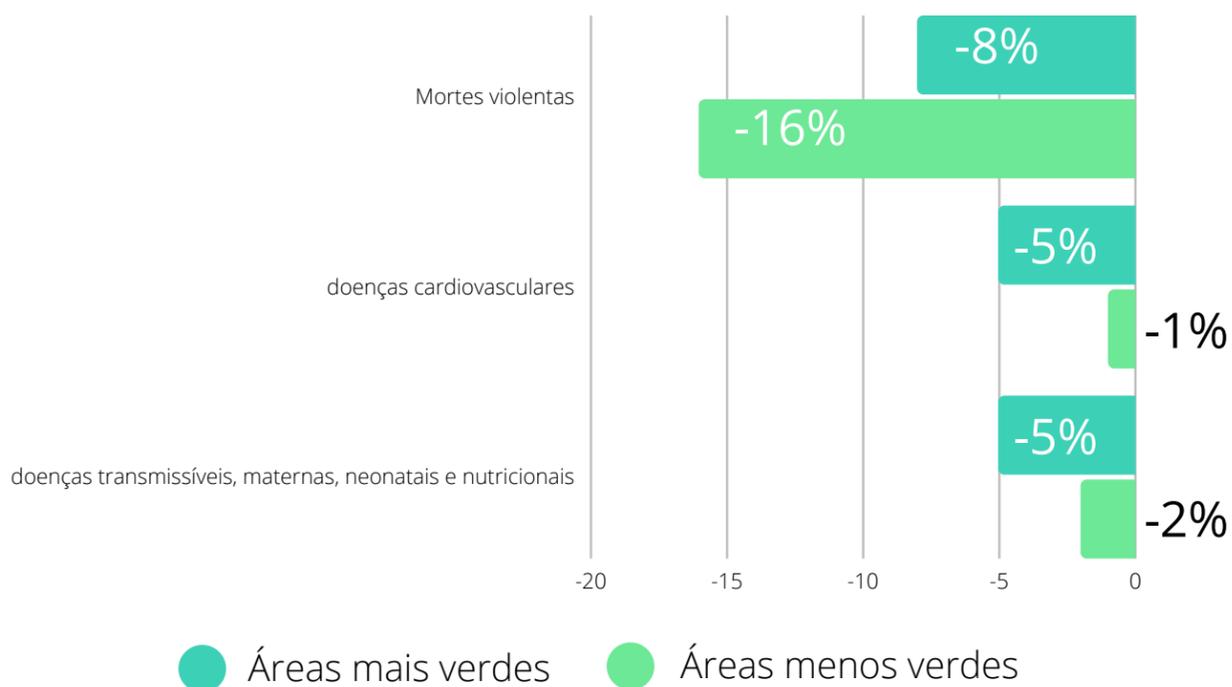
A expectativa de vida é o número de anos que se espera que um recém-nascido viva se os padrões atuais de mortalidade se mantiverem no futuro. A mortalidade por causas específicas é a taxa de mortes devido a causas específicas.

O novo estudo SALURBAL analisou três grupos de causas de morte: (1) doenças transmissíveis, maternas, neonatais e nutricionais; (2) doenças cardiovasculares; e (3) mortes violentas. Os pesquisadores examinaram os registros de óbitos de 2012 a 2016 para 671 regiões (sub-cidades SALURBAL) localizadas em 28 cidades em 9 países latino-americanos.

Os resultados do estudo confirmam que há desigualdades socioeconômicas substanciais na saúde na América Latina e que níveis mais altos de escolarização foram associados a maior expectativa de vida e menor mortalidade por causas específicas. No entanto, a presença de áreas verdes parece afetar as conexões entre o nível de escolaridade e as diferentes causas de morte de maneiras diferentes.

Por exemplo, entre os homens, a cada aumento de um ponto na escolarização foi associada uma redução de 16% na mortalidade relacionada à violência em áreas menos verdes, ao passo que a redução é de 8% nas áreas mais verdes.

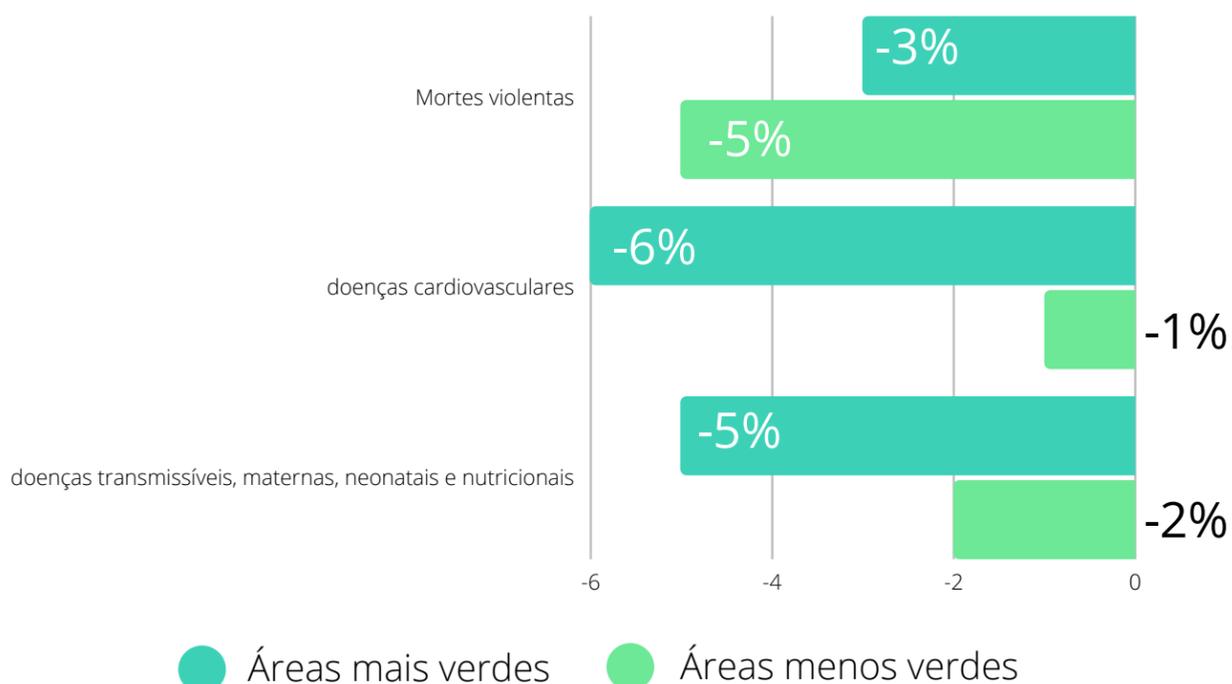
### Diminuição da mortalidade por causas específicas em **homens** por aumento de um ponto na escolarização, por quantidade de áreas verdes



Esses resultados reforçam a hipótese da equigênese ao apontar que regiões com mais áreas verdes apresentam menores desigualdades em escolarização para mortalidade relacionada à violência. No entanto, resultados relacionados a outras causas de morte e à expectativa de vida questionam essa mesma hipótese ao apontar maiores desigualdades em escolarização em áreas mais verdes.

Por exemplo, entre as mulheres, para cada aumento de um ponto na escolarização foi associada a redução de 1% nas mortes por doenças cardiovasculares em áreas menos verdes, ao passo que a redução é de 6% nas áreas mais verdes. Esses resultados associam a presença de áreas verdes a maiores desigualdades socioeconômicas na morte por doenças cardiovasculares em mulheres.

### Diminuição da mortalidade por causas específicas em **mulheres** por aumento de um ponto na escolarização, por quantidade de áreas verdes



Embora complexos esses resultados indicam que os espaços verdes desempenham um papel importante na definição das desigualdades em saúde urbana. Sabemos que existem grandes desigualdades socioeconômicas nas cidades latino-americanas e que as áreas verdes existentes são esparsas e desigualmente distribuídas. Políticas voltadas para o meio ambiente e ecologia devem orientar esforços para garantir que o acesso desigual a essas áreas não contribua na manutenção ou mesmo exacerbe as desigualdades já existentes em saúde. Para garantir que tais políticas e intervenções considerem e respondam às características e dinâmicas históricas, socioeconômicas e culturais de cada contexto urbano, os setores de pesquisa e gestão pública devem envolver as populações locais nos processos de planejamento relacionados.